



Artur Condé

# Página do Colégio da Especialidade de ORL da Ordem dos Médicos

## Colégio da especialidade e seu papel na dinamização do internato

### E DE REPENTE TUDO MUDOU

Não, não foi um vírus informático aquele que nos causava tanto terror por destruir a memória informática das nossas vidas, mas sim um vírus biológico da família daqueles a quem frequentemente nos referimos como um simples vírus, ao explicar aos doentes a origem de uma dor de garganta ou uma hipertermia que não descortinamos a razão.

Foi esse vírus que atingiu milhões de pessoas de uma forma tão brutal quanto inesperada, e que de um momento para o outro está a revolucionar as nossas vidas, colocando países em estado de emergência, matando indiscriminadamente a população do continente mais desenvolvido deste planeta, e causando um sentimento colectivo de pavor, que ninguém sonharia sentir há uma semana atrás, sem conhecermos ainda, quando e como terminará este pesadelo.

Desde a Segunda Guerra Mundial, o mundo ocidental vive numa sociedade de conforto e bem-estar com um registo notável de progresso económico e científico, na área médica, demos à população uma imagem da nossa infalibilidade, com fantásticos equipamentos de diagnóstico, sofisticadíssimas terapêuticas para as patologias mais letais, conseguindo aumentar a níveis nunca esperados, a esperança de vida das populações, para de repente, de uma semana para a outra, vermo-nos impotentes perante esse tal vírus, que ainda nem tem nome próprio, mas que irá certamente mudar a nossa forma de estar na vida, e talvez até, os fundamentos desta nossa sociedade.

A nós médicos, ir-se-ão porventura colocar inúmeras questões científicas, epidemiológicas, de saúde pública,

éticas, de organização hospitalar e de política geral de saúde que poderão influenciar decisivamente o exercício da Medicina no futuro.

A Direcção do Colégio, emitiu imediatamente no início desta crise, algumas directivas para os Serviços de Otorrinolaringologia Nacionais, que se basearam no simples bom senso e na prudência que a urgência do momento exigia.

Cancelamento de toda actividade programada, salvaguardando as situações urgentes e protecção máxima na consulta e na realização de todos os procedimentos endoscópicos na via aérea para os médicos Otorrinolaringologistas, foram os tópicos principais desta comunicação.

Neste dia 21 de Março em que escrevo este texto, com os casos de infecção comprovados e as mortes a aumentar no nosso País, devemo-nos focar no essencial, que é tentar travar ao máximo, a progressão exponencial da pandemia, e para isso, é vital mantermos o isolamento social da população e diminuirmos drasticamente o numero de doentes e médicos a circular pelos hospitais, cancelando toda a actividade não urgente e resguardando os médicos não essenciais neste momento, como reserva estratégica para o futuro.

No entanto, todos os outros doentes não deixarão de existir e requerer os nossos cuidados, para tratar os abscessos, as epistaxis, as neoplasias, as vertigens e os corpos estranhos por exemplo. Teremos certamente que o fazer, mas agora tal como no futuro, de forma totalmente diferente. Devemos obrigar-nos ao uso

de medidas de protecção que não estão no hábito da maioria, mas que deverão passar a ser obrigatórias a partir de agora. A máscara, os óculos de protecção e as luvas deixarão de ser de utilização pontual e deverão passar a ser de uso regular em todos os doentes, pois a partir de agora serão certamente também esses doentes a exigir tais procedimentos de segurança.

A realização da endoscopia nasal ou laríngea na consulta, não mais deverá ser de uso indiscriminado como o é agora, muitas vezes com critérios clínicos questionáveis, pois é sabido o potencial de contaminação desses procedimentos pela aerossolização de partículas na via aérea. Também na cirurgia endoscópica nasal, o uso de alguns equipamentos cirúrgicos tão em voga actualmente, em doentes com infecção pelo novo corona vírus, é já comparado em alguns textos científicos a uma roleta russa para o pessoal da sala do Bloco Operatório, pois o potencial de contágio é enorme.

Daí a necessidade vital, de despiste regular para o COVID 19 de todos os doentes candidatos a procedimentos da via aérea, e a utilização de meios de protecção eficazes nos profissionais que os tratam.

Com o escalar da crise, seremos em breve convocados pelas UCIs dos nossos hospitais, a colaborar no tratamento de doentes COVID-19, para realização de traqueostomias. Há já orientações emitidas pela Sociedade Espanhola de Otorrinolaringologia para este procedimento cirúrgico que podemos adoptar desde já, sublinhando que em qualquer situação, só o devemos fazer com protecção máxima para todos os profissionais envolvidos.

Nesta “guerra”, como já lhe chamaram, tal como nas outras que melhor conhecemos, para vencer, é fundamental saber onde está o nosso inimigo, sendo por isso vital descobri-lo para o podermos aniquilar, e a única forma de o descobrir, é realizando os testes de despiste, que em minha opinião deveriam ser extensivos a toda a população das áreas afectadas, e por maioria de razão, a todos os profissionais de saúde dos hospitais com doentes COVID 19, porque tal como na guerra convencional, sem soldados a batalha estará perdida.

Espero, e tenho fé, que este nosso SNS tão frequentemente destrutado pelos responsáveis políticos, pelos nossos doentes e até pelos próprios médicos que dele fazem parte, nos mostre quão importante é haver um Sistema de Saúde Público disponível e organizado, para acudir à nossa população em momentos de grande apuro, como este que vivemos. Os indicadores actuais apontam-nos para uma acção eficaz do SNS que está expresso na nossa baixa taxa de mortalidade que hoje é 1%, e também no número de doentes infectados, em comparação homóloga com outros Países Europeus mais desenvolvidos.

Esta resposta do SNS, será muito importante, também sob outro ponto de vista. O económico. No futuro que se aproxima, fruto do enorme impacto desta crise na economia global, virão dias de grande aperto financeiro, sendo imperioso que a população reconheça o SNS que tem, e se levante impedindo o que já aconteceu em anteriores crises económicas, o estrangulamento financeiro de todo o nosso sistema de saúde.

Há cerca de 10 dias, debruçava-me em estudos sobre os problemas da consulta a tempo e horas, do tempo medio de resposta garantida para os actos cirúrgicos num trabalho de organização da produção assistencial que nos é exigida.

Hoje, tudo isso foi ultrapassado e secundarizado, pois a emergência desta crise nacional, exige uma resposta imediata de disponibilidade total, de solidariedade, de organização de recursos humanos e materiais, que não se compadece com o conceito do Hospital/Empresa, mas que nos exige que o Hospital hoje seja o Hospital/Hospital, que tenha todo o seu foco no doente e não no número que ele representa.

Foi esse conceito do doente no centro do sistema, que presidiu ao espírito fundador do SNS, e que hoje certamente nos salvará de uma catástrofe humana de proporções gigantescas.

É por isso que este pilar da nossa sociedade, será reconhecido no futuro como fundamental para este País, devendo ser preservado a todo o custo, por mais crises económicas que aconteçam, porque como agora se vê, é a nossa vida que está em jogo!

Artur Condé